

A experiência do Circuito Universitário na TV Universitária de Uberlândia-MG

Vanessa Matos dos Santos
Christiane Pitanga Serafim
Universidade Federal de Uberlândia – UFU / MG

Resumo: Apresenta-se, neste artigo, a experiência do programa Circuito Universitário que foi realizado no âmbito da graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia e incorporado à grade da Televisão Universitária de Uberlândia. O programa foi produzido pelos alunos e se constituiu em um importante mecanismo de efetivação da prática laboratorial do curso ao mesmo tempo em que possibilitou uma maior aproximação entre Universidade e comunidade.

Palavras-chave: audiovisual; informação; ensino de graduação; televisão universitária.

Introdução: No projeto pedagógico do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, o ensino das práticas audiovisuais é contemplado pelas disciplinas obrigatórias Telejornalismo I (30h/a) e Telejornalismo II (60h/a). Além destas, a prática também é oferecida em uma disciplina optativa - Produção Audiovisual (60h/a). Em Telejornalismo I o aluno tem um contato inicial com a história do telejornalismo, bem como com as especificidades da linguagem telejornalística. Poucas práticas são exercitadas nessa disciplina, mas já é possível visualizar a antecipação daquilo que será mais intensamente trabalhado em Telejornalismo II. Após a base recebida, o aluno efetivamente produz telejornais completos exercitando diferentes formatos e gêneros em Telejornalismo II. É nessa disciplina que o aluno pode também exercitar a experimentação de maneira mais marcada e, efetivamente, fazer telejornalismo (BRASIL, 2001).

A disciplina Produção em Audiovisual, apesar de optativa, tem sido ofertada com uma certa frequência, principalmente devido ao interesse dos estudantes por outros gêneros audiovisuais, como o documentário, e pela liberdade experimental indicada nos objetivos da disciplina, como “empreender e gerir projetos ligados à televisão (...); propiciar o acadêmico a elaborar roteiros de reportagens especiais para TV” (UFU, 2015). Em 2012 e 2013, os estudantes matriculados em Produção Audiovisual foram desafiados a produzir o Circuito Universitário, programa originário da Redelfes. A Redelfes é um sistema de compartilhamento de produções em rádio e televisão entre as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), com o objetivo de promover o intercâmbio e dar visibilidade à produção universitária, respeitando a autonomia e as diversidades regionais. Criada

pela Universidade Federal do Paraná – UFPR – em 2003, a Redelfes ganhou a adesão de várias universidades, entre elas a UFU, que vislumbraram não só a permuta de conteúdos, mas um meio para integrar projetos e discussões em torno de pesquisas, recursos para aquisição e manutenção de equipamentos, e representar os interesses de rádios e TVs universitárias junto aos órgãos do Governo Federal.

Por volta de 2008, a Redelfes passou a receber, armazenar e disponibilizar online conteúdos produzidos pelas instituições federais de ensino superior, que deveriam ser acessados para compor o programa Circuito Universitário, exibido pelas TVs universitárias. Dentro da proposta de permutar e dar visibilidade às produções universitárias, o programa deveria exibir, juntamente com as produções locais, conteúdos gerados pelas demais instituições federais de ensino superior.

Em Uberlândia, a TV Universitária é retransmissora da Rede Minas, TV pública com sinal aberto, e responsável pela produção e exibição do Circuito Universitário. Numa parceria com o curso de Jornalismo, foi proposta aos estudantes a responsabilidade pela produção do programa, o que foi feito em 2012 e 2013, no âmbito da disciplina Produção em Audiovisual. Assim, na UFU, o Circuito Universitário passou a integrar as atividades laboratoriais de jornalismo, em que os estudantes aplicam os conhecimentos e técnicas adquiridos nas disciplinas do curso, e são incentivados a experimentar e inovar.

Metodologia

A intenção, ao produzir o Circuito Universitário de forma experimental, foi descobrir um fazer televisivo diferente

dos padrões em vigor, para que os estudantes não apenas reproduzissem modelos, mas que pudessem propor ideias e práticas a partir das suas concepções e olhares próprios. Para tanto, foi dada aos estudantes autonomia para definir e atuarem em todos os processos de criação e produção do programa, o que propiciou também o desenvolvimento da capacidade para tomar decisões, liderança e trabalho em equipe. As discussões e deliberações aconteciam dentro das aulas de Produção em Audiovisual, conduzidas e provocadas pela professora da disciplina. Todas as decisões foram tomadas coletivamente. A primeira tarefa dos estudantes foi eleger o público alvo, que ficou definido como universitários e jovens dentro da área de abrangência da TV Universitária da UFU. Ao escolher um público jovem como alvo de suas produções, os estudantes já estavam sinalizando a existência de um programa com uma linguagem mais descontraída, sem rigorismos e aberta às experimentações. Na sequência, foi discutida a linha editorial do programa, que buscou ser coerente com o nome “circuito universitário” e com o público alvo, ou seja, retratar o universo acadêmico, como os projetos de pesquisa, ensino e extensão, convivência e curiosidade nos campi, e assuntos em geral replicados no cotidiano universitário. Após definir público e linha editorial, os estudantes fizeram uma pesquisa de referências para apresentar à turma programas, quadros ou formatos de programas de TV que julgassem interessantes ou similares à proposta deles. Análise e discussão da pesquisa contribuíram para a elaboração das diretrizes do programa e o desenho da programação. Como o Circuito Universitário era exibido de 2a a 6a feira, às 22h30, com dez minutos de duração, a programação foi dividida

em cinco dias, com quatro quadros em cada dia, sem intervalo comercial, conforme QUADRO 1.

Os quadros exibidos na 2ª feira eram:

- “Frente a Frente”: um quadro em que um tema polêmico era debatido por, no mínimo, dois convidados com opiniões divergentes, ficando a mediação sob a responsabilidade de um estudante. Um debate que teve bastante repercussão foi o que abordou a adesão da UFU ao Sistema de Seleção Unificada (Sisu), tendo como convidados o responsável pelo Processo Seletivo da UFU, um representante dos Cursinhos e Escolas Particulares, um representante de movimentos sociais que defendem as cotas e um representante do DCE- UFU;

- “Você sabia?”: são dicas apresentadas em consonância com o tema do debate. Por exemplo: no dia em que o “Frente a Frente” abordou a imposição de restrições à realização de festas dentro do campus, as dicas foram os documentos, alvarás e autorizações para realização das festas;

- “Redelfes”: as produções depositadas na Redelfes são inseridas na programação, para cumprir a proposta de intercâmbio entre as universidades. Cada grupo responsável pelo Circuito Universitário naquele dia define qual matéria da Redelfes será exibida, observando a coerência entre os assuntos;

- “Chora”: é um quadro de entretenimento, em que são exibidas reclamações divertidas daqueles que circulam nos campi da UFU. A ideia é encerrar o programa com leveza, apresentando três ou quatro ‘reclamações/desabafos/reivindicações’ engraçadas. Tanto o “Chora” quanto o “Redelfes” são quadros permanentes da programação, sendo exibidos todos os dias.

Os quadros de 3ª definidos:

- “Geração esporte”: matérias ligadas ao esporte e lazer no âmbito universitário, como organização das Atléticas, campeonatos, treinamentos e atividades esportivas oferecidas nos campi;

- “Fala aí”: entrevista com um professor ou aluno para divulgar suas pesquisas, projetos ou experiências de interesse do público alvo;

- “Redelfes” e “Chora”.

Os quadros de 4ª feira apresentavam discussões mais politizadas:

- “Se liga”: destinado à política estudantil ou à discussão de questões políticas em geral, como por exemplo, a redução da maioria penal;

- “Sustentação”: além de reforçar as campanhas de conscientização e educação ambiental, a ideia desse quadro é discutir sustentabilidade, consumismo e práticas para uma convivência saudável no universo acadêmico;

- “Redelfes” e “Chora”.

Na 5ª feira, optou-se por uma programação inteiramente cultural:

- “Holofote”: para valorizar e dar visi-

bilidade a talentos e artistas vinculados à UFU, sejam cantores, músicos, pintores, artesãos, bailarinos, fotógrafos, atores etc.

- “Vitrine cultural”: aproveitando a temática e a proximidade com o final de semana, esse quadro é uma espécie de agenda cultural para divulgar eventos realizados nos campi da universidade;

- “Redelfes” e “Chora”.

E, para finalizar a semana, os quadros de 6ª feira ficaram assim definidos:

- “Pop up”: apresenta matérias sobre comportamento, moda, impacto das tecnologias no trabalho e na vida social, vídeos e assuntos mais comentados nas mídias sociais, entre outros temas;

- “Vida universitária”: aborda curiosidades do cotidiano acadêmico, situações e eventos presentes no dia a dia dos estudantes;

- “Redelfes” e “Chora”.

Os nomes dos quadros também foram definidos coletivamente pelos estudantes, e uma estudante, a monitora da disciplina, se ofereceu para criar a identidade visual de cada um dos quadros. Após a aprovação das identidades visuais, as vinhetas foram produzidas com o auxílio do técnico de edição e animação do laboratório de Audiovisual. As trilhas das vinhetas foram encomendadas aos estudantes do curso de graduação em Música da UFU, que trouxe mais personalidade e originalidade ao programa.

Resultados

É importante ressaltar que cada turma tinha absoluta autonomia para modificar toda a programação do Circuito Universitário, redefinindo o formato, os quadros e as pautas do programa. A programação aqui apresentada foi concebida pela turma que cursou a disciplina Produção em Audiovisual em 2012. A preocupação com a identidade do programa veio à tona, mas chegou-se à conclusão de que, por ser um programa experimental, o envolvimento dos estudantes com a concepção, planejamento e produção de um programa inteiramente sob a responsabilidade deles é mais importante do que ter uma identidade fixa e rígida. O que se percebia era que cada Circuito Universitário tinha “a cara” da turma que o planejava e produzia.

Para que todos estivessem envolvidos na produção, a turma com vinte alunos foi dividida em cinco equipes. Cada equipe ficou responsável pela produção de um dia da semana. A cada três semanas, ocorria um rodízio e as equipes trocavam os dias para que todos pudessem trabalhar com todos os quadros da programação.

As equipes também definiam livremente as funções de cada membro: quem faria a produção, quem seria(m) o(s) apresentador(es) e repórter(es). De início, pensou-se em ter um apresentador fixo, ou seja, o mesmo estudante faria as chamadas todos os dias. Mas, optou-se pela

diversidade, pelo coletivo, para que os estudantes pudessem assumir e experimentar todas as funções do programa. A ideia era realmente que o Circuito Universitário não tivesse apenas “uma cara”, mas uma identidade fluída, mostrando a equipe responsável, isto é, todas “as caras” que produziam e conferiam identidade ao programa. Nessa proposta, os estudantes também se alternavam nas funções: um dia como apresentador, outro como repórter, outro fora do vídeo, como produtor e como cinegrafista. Devido à greve dos técnicos em 2012, os estudantes também assumiram a função de cinegrafista, o que propiciou mais experimentação e uma agenda mais flexível para produção das matérias. Apenas a edição de vídeo ficou a cargo de um técnico da TV Universitária.

A pluralidade foi a marca do Circuito Universitário em 2012. Havia momentos em que o programa tinha um apresentador, outros em que tinha dois ou apenas um repórter, que também era mediador ou entrevistador. A multiplicidade de funções assumidas pelos estudantes gerou uma dinâmica e conferiu um ritmo ao programa condizente com a vibração e a alegria da juventude. O resultado foi um programa que chamou atenção pela novidade, pela diversidade da equipe, pela seriedade e, ao mesmo tempo, leveza com que os temas eram abordados e pela condução responsável dos estudantes.

As gravações eram feitas fora do estúdio. Cada equipe escolhia um local nos campi da universidade para fazer as chamadas do programa, o debate e as entrevistas. Seguindo a proposta da diversidade, as equipes optaram por não repetir nenhum local. Isso aguçou o olhar dos estudantes para os espaços da UFU e acabou revelando cenários desconhecidos ou que antes eram despercebidos.

O estilo de cada apresentador ou repórter era de acordo com o próprio estilo dos estudantes. Bermudas, barba por fazer, camisa mais social, cabelo solto, preso, tudo estava valendo. Ao invés de seguir um padrão estético já comprovado, os estudantes tiravam as suas conclusões ao se verem ou verem os colegas no vídeo. As avaliações dos programas eram feitas durante as aulas de Produção em Audiovisual, momento em que os estudantes se reuniam com a professora, assistiam às produções e avaliavam as pautas, enquadramento e movimento de câmera, postura do mediador, do apresentador, repórter, cenários, edição de vídeo etc. Na experimentação, na prática, aprendiam a fazer o programa.

Conclusão

A discussão que se faz com relação à experimentação na produção audiovisual perpassa diferentes aspectos que vão desde o debate sobre os novos formatos em televisão e vídeo até as questões políticas contemporâneas. Do ponto de

vista social, a experimentação se relaciona com as transformações ocorridas na sociedade e nas relações humanas a partir da inserção das tecnologias digitais no cotidiano do cidadão comum. Somase a isso a expansão da infraestrutura de redes e barateamento de dispositivos móveis de comunicação, como celulares e tablets (AGUADO; CASTELLET, 2013). Posto isso, fica claro que os processos comunicacionais tornam-se cada vez mais horizontalizados em virtude de novos mecanismos de propagação de informação colocados à disposição do cidadão comum, ensejando novas ambiências.

Se por um lado esse processo ensaja uma prática maior de cidadania, por outro existem sérias implicações no que diz respeito à qualidade e credibilidade da informação disseminada. Nesse cenário, o profissional de jornalismo precisa estar apto para desenvolver suas atividades não só informativas, mas também formativas (VIZEU, 2008; YORKE, 2006).

O aluno, que amanhã será o profissional de jornalismo que o mercado receberá, deve estar apto ao trabalho com a comunidade e não mais apenas para a comunidade. O aluno precisa, por meio das experimentações laboratoriais, trabalhar com insumos gerados pela comunidade. No que se refere à produção audiovisual de uma maneira mais ampla, verifica-se

que antigas definições sobre gêneros e formatos passam a ser revistas, principalmente em virtude da emergência de novos tipos de produção. Hoje é possível notar a existência de produções jornalísticas que não podem ser, necessariamente, classificadas como telejornalísticas, mas que nem por isso deixam de assumir um viés informativo marcante.

As fronteiras estão cada vez mais tênues justamente porque a experimentação tem apresentado novas possibilidades (RENÓ; FLORES, 2012). A prática laboratorial precisa também desenvolver nos alunos a concepção de prazo, tempo e compromisso (LINS, 2006). Distantes de serem apenas fatores de pressão, a existência de prazos atua como um motivador da prática. Em síntese, utilizar os laboratórios como espaços de experimentação é importante para a formação profissional, ética e também democrática do aluno.

A TV Universitária se transformou não apenas no laboratório dos alunos, mas converteu-se no locus da prática profissional. Na experiência aqui relatada, a capacidade de planejamento também foi experimentada pelos estudantes, pois, com um calendário cheio de feriados, tiveram que antecipar produções, administrar agendas e o tempo entre uma produção e outra. Além disso, os alunos também tinham a consciência de que o programa ia ao ar de segunda-feira a sexta-feira e, portanto, tinham que produzir tais conteúdos diariamente.

Extrapolando o fato de experimentar novas formas de produções televisivas e cumprir os objetivos da disciplina, os estudantes vivenciaram situações que aguçaram a liderança, o trabalho em equipe, a criticidade em relação à linguagem audiovisual e induziram a tomada de decisões e a superação de desafios.

QUADRO 1 – PROGRAMAÇÃO DO CIRCUITO UNIVERSITÁRIO DA UFU - 2012

2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
Frente a Frente (debate)	Geração esporte (esporte e lazer)	Se liga (política estudantil / política em geral)	Holofote (apresentação de talentos)	Pop up (comportamento)
Você sabia? (dicas)	Fala ai (entrevista)	Sustentação (meio ambiente)	Vitrine Cultural (agenda cultural)	Vida Universitária (cotidiano dos estudantes)
Redelfes	Redelfes	Redelfes	Redelfes	Redelfes
Chora	Chora	Chora	Chora	Chora

REFERÊNCIAS:

AGUADO, J. M.; CASTELLET, A. Contenidos digitales en el entorno móvil: Mapa de situación para marcas informativas y usuarios. In.: BARBOSA, Suzana.; MIELNICZUK, Luciana. (Orgs.). Jornalismo e tecnologias móveis. Livros Labcom. Série Jornalismo, 2013. Disponível em: www.livroslabcom.ubi.pt

BRASIL, Antonio. O ensino de telejornalismo no Brasil: entre a teoria e prática. Revista Logos: Comunicação e universidade. v.8, n.1, 2001.

LINS, Aline Maria Grego. A construção telejornalística sob o olhar processual. In.: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; MOTA, Célia. (orgs). Telejornalismo: a nova praça pública. Flo-

rianópolis: Insular, 2006.

RENÓ, Denis; FLORES, Jesús. Periodismo transmedia. Madrid: Fragua Editorial, 2012.

UFU/ FACED. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. Projeto Pedagógico do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo. Uberlândia: UFU/ Faculdade de Educação, 2008.

VIZEU, Alfredo. A sociedade do telejornalismo. São Paulo: Vozes, 2008.

YORKE, Ivor. Telejornalismo. 4.ed. São Paulo: Roca, 2006.